

OUTRA PÁGINA DO DIÁRIO DE DIAMANTINA

Willy Corrêa de Oliveira

- Criança só ouve (houve), e repete, e divisa: e ata ouvido e vivido e guarda.
- Poesia, em criança, quando ouvida – desde uma vez, então – era como um nome de coisa, certamente sem distinção de que coisa era aquela cujo nome resguardava-se, velada, velário, vigiada, vigindo, urgente.
- Bem pequenino, escutava frequentemente um tio, que pintava e muito lia, a recitar – com ímpeto – Augusto dos Anjos (aquelas palavras surpreendentes, cheias de pasmo, que se escondiam, arrevesadas). Arrebatadoras. Como contos da carochinha, estórias de fantasmas. Tal Rachmaninov, assim foi Augusto dos Anjos para mim. Sempre desejei que fossem perenes como todos os gênios; não me conformava pensá-los apenas como cantos de ninar.
- Algo depois – mais tarde – vislumbra que a coisa (cujo nome guardara) desvelava-se intacta, não como coisa que se tange, mas: que nos retém, não nominável, como tudo que tem nome individuável, alento, respiração, indivisa como a verdade concreta. Grandiosa, definitiva.
- Adolescente (no limiar), adoeci de veneração por Conchita Moreno, uma bailadora sevilhana. Na tempestade, encontro uma gramática espanhola num vendedor de rua e compro-a (por *seguirya*). De lá, um soneto de Lupercio Leonardo de Argensola, “Al sueño”. Trago-o até hoje. E quanto declamei-o (a sós), então!
- Aos quinze anos, ainda pesado de inocência e descobrimentos, vi um filme português sobre a vida de Castro Alves no cinema quase ao lado do Bar Carnaúba, em Teresina. Assisti a todas as sessões. E decorava Castro Alves como um lunático.
- Mais logo, me concentrei em conhecer os mecanismos da poesia: versificação, contagens de sílabas (recheadas de execráveis palavras gregas), as formas de composição. Como criança que desmantela o brinquedo para examinar-lhe o maquinismo, e vê-se rodeado de destroços. Leio (sempre com enlevo) o que poetas dizem – em prosa – sobre poesia.
- Um dia você inventa um nome para algo que passe a existir pelo nome, e você é poeta. Ou você toma esse algo, agarra-se a ele (o nome da coisa inexistente sem seu nome) e é subsumido imponderavelmente, e você, *mon semblable*, é o leitor de poesia, *mon frère!*
- Amor: Teologia.
Paixão: Poesia.
Amor-paixão: Poema (arranjo): o nome: esse é seu corpo.

São Paulo, 30 de novembro, 2019